

Entre ditos e escritos: narrativas de feministas do Cone Sul acerca dos periódicos feministas em tempos de ditadura

Among the sayings and writings: feminist narratives in the Southern Cone about the feminist periodicals in times of dictatorship

Gabriela Miranda Marques

Doutoranda, PPGH-UFSC

Gabriela_mmarques@yahoo.com.br

Resumo: Esta comunicação busca perceber as narrativas de mulheres feministas do Brasil e Argentina acerca de dois periódicos publicados em períodos de ditaduras militares nos dois países. São eles respectivamente: *Brasil Mulher* e *Persona*. Publicar em tempos de ditadura não era uma tarefa simples, e o trabalho de memória ressignifica esta tarefa a luz do presente. A partir da história oral e história do tempo presente observamos as narrativas de feministas em torno destes periódicos percebendo como eles foram publicados e qual a importância atribuída a este fato pelas entrevistadas.

Palavras Chave: memória; periódicos; feminismos

Abstract: This communication aims understand the narratives of feminist women in Brazil and Argentina about two periodicals published in periods of military dictatorships in both countries. They are respectively: Brasil Mulher and Persona. During this time writing about feminist issues wasn't a simple work. The "memory work" reframes the pass in the light of present. From the oral history and history of the present time we look at the narrative of feminists around these periodic realizing how they were published and the importance attributed to this fact by the interviewees.

Keywords: memory; periodicals; feminisms

Introdução

Este artigo se vinculada à pesquisa *Do feminismo ao gênero – circulação de teorias e apropriações no Cone Sul (1960-2008)*, coordenada pela professora Joana Maria Pedro, se tratando de um recorte de minha dissertação defendida em 2011 na Universidade federal de Santa Catarina, intitulada *Mulheres, Feminismos E Igreja Católica no Cone Sul: Algumas Relações (1970-1988)*. Neste recorte busco focalizar os trabalhos de memória realizados pelas feministas de Brasil e Argentina em relação aos periódicos feministas por elas publicados e lidos na época das ditaduras militares nestes países. São eles: *Brasil Mulher*, publicado no Brasil e *Persona* da Argentina publicados entre 1970 e 1980. As entrevistas de história oral

são as fontes privilegiadas no trabalho, pois a partir delas podemos apreender como a memória realiza seu trabalho através dos relatos orais. Possibilitando também perceber como o momento presente participa da ressignificação deste passado. As inquietações e debates em torno do conceito de gênero emergem em um período posterior a publicação destes periódicos, no entanto em muitas entrevistas vemos este conceito aplicado aquele momento de ditaduras. As ditaduras militares são um ponto em comum aos dois países, e as disputas em torno da memória sobre o período reverberam até os dias atuais. O campo da história do Tempo Presente vem cada vez mais demarcando seu espaço institucional e é neste campo que esta pesquisa se insere, por pensar a contemporaneidade dos fatos e das inquietações que dão origem a esta pesquisa.

As entrevistas também nos permitem observar os jogos de poder que permeavam a publicação dos periódicos feministas em períodos de ditaduras. O feminismo, um campo em emergência na América Latina no período, estava muitas vezes no contexto ditatorial inserido em meio à grupos de resistência a ditadura entendidos como uma esquerda ampla, que incluía desde os grupos armados a resistência democrática. Cabe ainda ressaltar que, com as entrevistas realizadas pela equipe do Laboratório de Estudos de Gênero e História/UFSC entre 2006 e 2010, podemos ver como questões atuais são transportadas para a época e como os próprios periódicos feministas são ressignificados em sua importância e conteúdo nestes países. Neste sentido, o uso da comparação nos permite perceber de que forma estas relações foram influenciadas pela conjuntura política. A história oral é entendida aqui como expressão de uma subjetividade e não buscamos em momento algum fazer uma conferência do que de fato teria acontecido, ou qual seria o relato mais verdadeiro. Busca-se compreender as relações estabelecidas entre ditos e escritos por estas mulheres, percebendo as relações de temporalidades estabelecidas entre estes discursos.

Panorama

Conforme dito, Brasil e Argentina vivenciaram ditaduras militares que se caracterizaram por se utilizarem da doutrina de segurança nacional, implantaram o terrorismo de Estado (COGGIOLA, 2001), repressão e censuravam qualquer idéia propagada que pudesse representar ameaça à ordem estabelecida. Dentre essas idéias, não somente as que

pregariam outro sistema governamental ou econômico, mas também aquelas que ameaçariam a moral do sistema e que fossem contra o conjunto de crenças imposto pelo regime. As práticas do terrorismo de Estado impunham grande responsabilidade àqueles que se envolviam em movimentos sociais, que mesmo que soubessem dos riscos, estavam passíveis de prisões, torturas e até execução (COGIOLLA, 2001). No entanto, muitos movimentos que lutaram contra esta lógica se organizaram e muitos emergiram no período. Um dos movimentos que emerge em muitos desses países são os movimentos feministas de Segunda Onda (PEDRO, 2005)¹, tendo como prioridade as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. Ponto comum do movimento feminista na América Latina é que devido à conjuntura de falta de liberdades democráticas vivenciada, lutavam também contra a ditadura militar. As demandas específicas envolvem temas como trabalho doméstico, legalização do aborto, contraceptivos, violência contra a mulher, e os vários outros tipos de discriminação sofridos por elas (PEDRO, 2006).

Cabe ressaltar, que tanto as ditaduras quanto os movimentos feministas eram heterogêneos em ambos os países. Havia sim pontos comuns entre eles e muitas trocas entre os pares, porém as características principais se deram de acordo com a cultura, histórico de organização e conjunturas locais. Mesmo os períodos em que se viveu sobre a ditadura são diferentes nos dois países que serão aqui fonte de estudo. No Brasil o poderio dos militares durou de 1964 a 1985. Na Argentina, de 1976 a 1983².

Como, quando e por que: os periódicos feministas em tempos de ditadura

Os periódicos, ora analisados, possuem algumas especificidades que podem ser observadas na sua construção e no seu conteúdo. Suas autoras e editoras são essencialmente mulheres de classe média e brancas, que tentavam através deles dialogar com as questões gerais e trazer à tona o debate do feminismo, sob seu ponto de vista seja da igualdade como da diferença, mais ligados as lutas específicas ou gerais de acordo com cada publicação. O

¹ Nesta pesquisa é adotada a periodização apresentada por Joana Maria Pedro e outras autoras que dividem o feminismo em duas grandes ondas, uma primeira relativa as lutas sufragistas do início do século e outra correspondente as lutas principalmente a partir da década de 60 que tinham o corpo como tema central. É importante lembrar que as datas variam em cada país

² Sabe-se que houve períodos anteriores de ditadura na Argentina, contudo devido a limitação temporal do periódico, só será focado aqui este último período ditatorial.

periódico argentino *Persona* (Ano 1, n 3, dez 1974, p . 10) chega a citar as mulheres da classe média como as responsáveis pela revolução feminista. Como já dito, o movimento feminista não é homogêneo o que fica explícito na análise dos periódicos, nas dissidências dos grupos, e na narrativa das mulheres que dele participaram na época.

Devido à conjuntura delineada, muitas das mulheres envolvidas com os jornais foram perseguidas e algumas presas, não só no Brasil como também na Argentina, com algumas relevantes diferenças, no Brasil estas mulheres eram presas essencialmente por militarem também na esquerda revolucionária, já na Argentina a militância feminista por si só mandou algumas mulheres para a cadeia. O trabalho realizado era mesmo de “formiguinha”; de mulher para mulher eram vendidos os jornais nas casas das próprias militantes, ou nas sedes das organizações, eram também vendidos em bancas, mas possuíam circulação restrita, pois se tratava de uma imprensa com características de esquerda e de oposição ao regime; por esse motivo a confecção do material era de modo artesanal, de número de exemplares restrito e pouco comercializada. Um modo de divulgar jornais como *Brasil Mulher*, era a sua difusão em trabalhos realizados nas periferias, ou nos grupos de consciência onde as militantes feministas estavam presentes (TELES, 2005).

Diferentemente a *Brasil Mulher*, o periódico argentino *Persona* se dirigia a uma classe média “intelectualizada”, fato percebido através da linguagem utilizada em seus primeiros números. Entretanto, sua linguagem teórica rica em citações e bastante culta foi alterada gradativamente a partir de 1980. Conjuntamente com a mudança na linguagem observamos uma alteração na formatação do próprio periódico, que ficou menor, aproveitando melhor seu espaço e possibilitando uma leitura mais rápida e um suporte que fornece uma compreensão mais rápida e fácil. Essa mudança é significativa, pois ao alterar-se a linguagem e o suporte, atinge-se um público mais amplo, levando a causa feminista para além da classe média. Mesmo ao reconhecer a classe média como o grupo responsável pela revolução feminista (*Persona*. Ano 1, n 3, 1974, p . 10), o jornal se dispôs a dialogar com as operárias e trabalhadoras em alguns momentos. Sua tiragem, maior do que a do *Brasil Mulher*, era de 10.000 exemplares, e através da sessão de cartas presente na maior parte dos exemplares verifica-se que, devido à circulação das cópias, o número de leitoras/es atingidos é bem maior.

Feministas de todo o mundo encontraram nos periódicos uma forma de propagar suas ideias. Independentemente da linha adotada, os periódicos faziam o papel de interlocução entre diferentes grupos e o debate entre as diversas linhas do feminismo.

Nos dois países aqui observados – Brasil e Argentina – a publicação destes periódicos se deu em períodos ditatoriais, acarretando questões específicas principalmente no que tange a publicação destes periódicos. O que vai ser ressaltado na fala das mulheres que os publicaram.

Os três periódicos divergem, em grande parte, em suas prioridades e valores pregados, apesar de terem o feminismo como ideal comum. O campo feminista é muito diverso, sendo necessário observar cada grupo editorial individualmente. O *Brasil Mulher*, por exemplo, era publicado por mulheres muito ligadas ao feminismo socialista, o que em parte explica suas matérias de caráter conjuntural, social, muitas vezes abrindo pouco espaço para demandas mais próximas do feminismo de Segunda Onda, como as questões da sexualidade (LEITE, 2003, p.234-241). O feminismo radical é uma marca presente no periódico argentino *Persona*, muitas vezes atribuída à presença no conselho editorial de María Elena Oddone, claramente adepta desta vertente feminista (ODDONE, 2001).

As entrevistas

Entendemos que a entrevista revela o trabalho que a memória faz com as experiências vividas, ou seja, as ressignificações, valorações, transferências de opiniões atuais para o passado, etc. É importante destacar que “[...] o que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e o modo pelo qual ele percebe o entrevistador” (ALBERTI, 2005, p. 171).

Como afirma Michael Hall, “[...] os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar” (HALL, 1992, p. 158). Assim, compreende-se que a entrevista realizada é um “documento-monumento”, como expõe Jacques Le Goff (1994, p. 535-553), perpassado por uma intencionalidade. Também, a história oral se constitui como uma fonte riquíssima para a pesquisa histórica, permitindo perceber não só alguns fatos do passado, mas de que forma se efetuaram as elaborações do passado, possibilitando inclusive que se questionem interpretações generalizantes sobre algum evento ou período (ALBERTI, 2005, p. 165).

Existem algumas questões que são próprias da história oral, como indica Verena Alberti: “A entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista” (ALBERTI, 2005, p. 169). A entrevista

se dá por meio de dois autores, entrevistador e entrevistado(a), possuindo também cunho biográfico. Essa construção da memória será fruto da negociação entre as partes e dentro da subjetividade do entrevistado(a), interferindo assim no modo como ele(a) percebe seu interlocutor e o modo como a entrevista é realizada. Trabalhar com entrevistas significa buscar nessas subjetividades a valoração que os sujeitos atribuíram à Igreja e aos feminismos e como essa valoração se deu.

As entrevistas que serão utilizadas nesse trabalho provêm de duas pesquisas coordenadas pela Profa. Dra. Joana Maria Pedro. São elas: “Os feminismos e os movimentos sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul: uma história comparativa (1960-1980)” e “Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)”, encerrada em fevereiro de 2007. Ambas deram prioridade a feministas, que se identificaram com o feminismo entre os anos 1960 e 1980 e participaram de alguma forma de movimentos de mulheres ou feministas neste período. Assim muitas delas participaram dos grupos que publicam os periódicos ora analisados. A denominação “feminista” é dada pela própria entrevistada, e não pelos/as membros dos projetos citados (HALL, 2005). A escolha das entrevistas utilizadas neste trabalho foi feita de acordo com o conteúdo dos relatos. Entendo aqui as entrevistas, bem como os periódicos, como discursos que enunciam e dão forma a sujeitos; são ferramentas de poder e são, sobretudo, acontecimentos. A análise destes discursos será feita de acordo com a perspectiva foucaultiana apresentada em sua aula inaugural no Collège de France (FOUCAULT, 2002), em que o autor propõe que sejam observados alguns processos que incidem sobre o discurso.

Lembranças sobre os periódicos feministas: a fala sobre os escritos

As questões presentes nos periódicos foram diretamente ditadas e fomentadas pelos grupos que os confeccionaram. No periódico *Brasil Mulher* há relatos que demonstram que suas militantes eram mulheres de classe média e brancas, com alguma experiência política. Muitas delas faziam parte das fileiras comunistas e militavam no Partido Comunista do Brasil (PC do B), na Ação Popular Marxista Leninista (APML) e no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) (LEITE, 2003). A tiragem do jornal era de cinco mil exemplares, porém algumas edições saíram com dez mil. Foi um periódico que teve considerável circulação

nacional. De acordo com Maria Amélia de Almeida Teles, uma das colaboradoras do *Brasil Mulher*, o jornal circulou na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Paraíba e no Maranhão (TELES,2005).

Amelinha como é conhecida, fora antes de ser feminista, participante do PC do B e durante algum tempo se manteve dupla militante. Como a própria afirma a experiência da ditadura está marcada em seu corpo. Ela foi duramente torturada e ainda hoje continua denunciando as violências da ditadura militar brasileira. Maria Amélia, ou Amelinha, continua também se afirmando feminista e é reconhecida como uma daquelas “feministas históricas” uma das responsáveis por “iniciar” o feminismo no Brasil. Seu lugar de fala é altamente legitimado nos movimentos feministas exatamente por ela ser esta “personagem histórica” e por continuar na luta por uma sociedade não sexista.

Através da fala de Amelinha, tem-se uma ideia de como foi confeccionado e distribuído o jornal, que começou a ser editado no Paraná principalmente por uma questão de segurança:

Ajudei, nossa, e como, ajudei a fazer, ajudei a distribuir, a vender, ajudei nas discussões, olha, no Brasil Mulher a gente fazia de tudo, eu fiquei de 75 a 79 no Brasil Mulher, fiquei quatro anos [...] nós tínhamos uma salinha que nós pagávamos, nós pagávamos a impressão, a distribuição, porque vender era mais ou menos assim, mesmo que vendesse tudo, não pagava de jeito nenhum, então tudo éramos nós que fazíamos, e assim, por exemplo, vinha o Brasil Mulher e um tanto ficava na minha casa. E eu já distribuía para pessoas que frequentavam a minha casa. A casa da gente era uma sucursal, um aparelho, sempre foi, tanto é que eu moro nos fundos e a União de Mulheres é aqui, quem é dona dessa casa, quem comprou essa casa agora fui eu, porque essa casa era de uma sócia da União, e de repente ela se viu obrigada a vender, e nós ficamos nessa casa muitos anos, ela cedendo a casa, de repente ela falou, ou eu vendo para vocês ou eu vendo para alguém, porque eu preciso desse dinheiro, e ela precisando, mesmo assim ainda ficou 3 anos, 3 anos eu negociando com todo mundo para ver o que eu conseguia de dinheiro, pelo menos de emprestado, depois eu ia pagando aos poucos, então eu fui conseguindo dinheiro emprestado nesses 3 anos e pagando, e tinha uma outra companheira aqui que dizia eu também vou fazer isso e nos duas compramos, e passado os 3 anos a mulher já estava num sufoco, e eu consegui e a outra não conseguiu, então eu falei bom, eu vou ter que por no meu nome porque eu vou ter que pagar essa dívida, se eu tiver qualquer coisa, se de repente eu não conseguir pagar essa dívida eu vendo, então ficou no meu nome, fui eu que paguei, concretamente fui eu que paguei e agora ainda fiz a reforma, se você for ver, isso aqui tudo. (TELES, 2005)

Depois dessa fala Amelinha começa a falar de sua luta para manter o movimento e como as contas somente se aliviaram ao ano de 2005, quando se realizava esta a entrevista, ano em que terminou de pagar a casa onde estava a União de Mulheres e também o *Brasil Mulher*. As doenças físicas por ela relatadas são tributárias de toda uma luta política e servem também para justificar o cansaço, o fazer menos do que no passado, e de demonstrar o tamanho de sua luta. Luta por dinheiro e pelo feminismo e não sem ajuda como ela ressalta várias vezes, lembrando a União de Mulheres e suas militantes.

A principal questão abordada por Amelinha não diz respeito à proibição dos militares ou a própria segurança em tempos de ditadura. O que fica mais explícito é a dificuldade financeira de se manter uma publicação independente. Devemos ter em mente a dificuldade técnica de publicação, pois os aparatos tecnológicos envolvidos não eram tão disponíveis, rápidos, e eficientes como hoje. Como diz Amelinha “naquele tempo não era no computador que fazia”. Era necessário uma gráfica, nem sempre barata e segura. Por isso a impressão gráfica do periódico foi durante algum tempo realizada em Londrina (Paraná). Mesmo que a militante reforce que a “questão mesmo era a segurança” o que percebemos como uma dificuldade apontada e reforçada a todo tempo era o custo, a verba para a publicação e para manter o grupo. A memória é entendida como um movimento de atualização do passado, de um ir e vir constante, provocados pelo diálogo em forma de entrevista (OBERTI, 2006). Assim Maria Amélia dialoga com o passado o resignificando a partir do presente. O dinheiro importante para manter o grupo está presente no momento da entrevista, ano em que acabou de pagar a sede da União de Mulheres e ao mesmo tempo é importante relembrar a segurança em tempos de ditadura onde o tempo todo era necessário dialogar com a violência, é importante lembrar sempre o terrorismo do Estado e como os indivíduos se colocavam frente a ele. Publicar era algo extremamente subversivo, mas toda subversão escrita precisa de aparatos técnicos, precisa também de dinheiro.

Continuemos analisando a fala da Amelinha. Na mesma entrevista ela narra o trabalho que fazia com os exemplares do jornal *Brasil Mulher*: “O Brasil Mulher eu distribuía e o discutia com 18 clubes de mães. Eu era amiga do padre. O padre deixava eu ir lá, porque tinha muito controle. Ele dizia: vai lá Amelinha, discutir com as mulheres, elas gostam”(TELES, 2005). Esta fala deixa transparecer a importância de alianças e redes para a distribuição destes periódicos. A conjuntura neste sentido é bastante significativa, mesmo com a ditadura militar os grupos políticos continuavam atuando, inclusive na guerrilha, as Comunidades eclesiais de

Base e os grupos de mães fomentados por um grupo de eclesiásticos ligados a Teologia da Libertação estavam em ampla expansão. Nesse sentido uma aliança entre feminismo e setores da Igreja católica foi possível no Brasil (MARQUES, 2010). A distribuição, portanto não era um dos fatores mais problemáticos da publicação de um periódico feminista na ditadura brasileira.

Publicar um periódico coletivamente também implicava em questões específicas. No periódico *Brasil Mulher* a maior parte das matérias não era assinada, o que implicava em uma aparente coesão do grupo editorial em torno de diversas questões. No primeiro número do periódico não havia a palavra feminismo, ou feminista. Era um jornal de mulheres para mulheres. Já na segunda edição a palavra feminismo aparece e não sem causar polêmica,

Deixa eu te contar esse negócio do *Brasil Mulher* e depois eu te conto, a questão do feminismo apareceu, [...], quando surgiu a palavra feminismo foi a Joana Lopes que escreveu o editorial, ela escreveu assim, tudo era coletivo, é assim, nós estamos discutindo aqui, você faz isso, você faz isso, você faz aquilo e tal, eu vou fazer essa e tal, tanto é que ninguém assinava, tinha um conselho editorial, mas ninguém assinava uma matéria específica, aí menina, foi um rebu aquele jornal, daí começou o racha, primeiro racha, foi a palavra feminista, nem explicar feminismo direito a gente não sabia, a gente não sabia explicar feminismo direito, eu lembro que eu mesma, que me considerava feminista, não sabia explicar o quê que era. (TELES, 2005)

Como Amelinha gosta de ressaltar ela da muitas entrevistas sobre sua história de vida e teve muito tempo de elaborar e reelaborar sua narrativa. Devemos perceber que aqui estão muito mais ressaltados os temas do feminismo devido a entrevistadora está interessada nestes temas, assim o *Brasil Mulher* assume um papel fundamental na constituição desta entrevistada como feminista. Como afirma Portelli,

A história narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa no campo. Os conteúdos as memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. (2010, p.19)

O restante da entrevista gira em torno do papel e atuação política feministas de Amelinha que se constituiu no que chamamos corriqueiramente de feminista histórica. A narrativa sobre o que ficou escrito no periódico foi deixada de lado em detrimento das dificuldades enfrentadas para publicá-lo e pelas discussões que se davam com o grupo de

mulheres que participavam, o jornal que era um veículo foi colocado na narrativa em um papel secundário frente às relações que se estabeleceram em torno dele. A importância do feminismo é ressaltada para a própria vida e militância de Amelinha,

[---]Então pra mim feminismo é lutar essa luta específica que eu não sei bem aí eu vejo, aí eu acho assim que o *Brasil Mulher* é que me dá toda sustentação teórica pra feminismo pode falar o que quiser do *Brasil Mulher*, pois todo mundo fala que o *Brasil Mulher* não é tão feminista que o *Nós Mulheres* é mais tem aquela disputa mas não me interessa foi o que me ajudou. Porque lá a gente refletia sobre feminismo, mas no começo do *Brasil Mulher* que eu sou a única do começo, porque todas as feministas do *Brasil Mulher* todas vêm depois. Depois elas vêm com outra discussão, mas eu que sou do começo fui a única que fiquei porque as outras se espierraram, porque cada uma espirrou por um motivo, mas espirrou. Por várias razões. Por brigas políticas lá dentro, mas por várias razões, a (...) encheu a paciência. Porque você imagina o que era escrever pro *Brasil Mulher*, você tinha que ler seu texto pra todo mundo se alguém não gostasse (entrevistadora - não era publicado?) era sim coletivo, eu acho que pra mim foi bom. Era eu e os homens brigando, (entrevistadora - agora era tu e as mulheres) mas pra mim era ótimo tudo eu aprendia, nossa..., foi a minha escola, a minha escola do feminismo foi ali. (TELES, 2005)

A oralidade e a escrita podem ser entendidas aqui como exercícios para um deslocamento do eu na primeira pessoa do singular, para falar de si própria em uma constituição inventada na relação com o outro. É se referindo a este processo que envolve a constituição de uma subjetividade, é no contato com outra feminista interessada em sua história e no periódico o qual ela ajudou a criar é que Amelinha se reafirma feminista. Esta relação entre o dito, o escrito e passado cunhada entre duas pessoas em uma relação de entrevista que define o papel do *Brasil Mulher* como a “escola do feminismo” de uma das feministas “históricas” mais conhecidas do Brasil.

Já na Argentina não foi possível entrevistar a principal integrante do grupo editorial do periódico *Persona*. Maria Elena Oddone exerce uma grande influência sobre a publicação do periódico que possui muitas das matérias assinadas por ela, além de tê-la como principal editora. Em seu primeiro número, o editorial apresentava o objetivo do periódico “*Salimos a la calle con nuestra revista Persona con el propósito de informar, analizar e testimoniar sobre la condición de la mujer en nuestra sociedad*” (Editorial. *Persona*. Ano 1, n.1, 1974, p. 3). Além disso, o editorial explica que o nome do periódico foi escolhido devido ao fato de a sociedade argentina negar o direito das mulheres de serem pessoas (idem). Maria Elena está de uma forma, ou de outra, presente nas narrativas sobre o feminismo de segunda onda na

Argentina (TREBISACCE, 2011). Seu feminismo da diferença, sua radicalidade, seu casamento com um militar(que ela aponta como uma prisão), a sua boa condição financeira, seu personalismo e anticomunismo acabaram por certa forma marcando a forma pela qual ela é relatada e também o periódico *Persona*.

Os relatos apresentados aqui são de outras mulheres, algumas ajudaram a fazer o periódico *Persona* e outras não. Mas, todas elas têm uma relação bastante intensa com Oddone conforme aparece nas entrevistas. Vejamos a fala de Lucrécia Oller, feminista argentina que militava na mesma época de Oddone em um outro grupo:

Persona era um grupo intelectualóide, intelectuais, respeitoso, estudioso, e mantinham uma instância prudencial: não te molesto mas não me moleste.

Ana – As coisas passavam pelo intelecto, e não pela ação.

Lucrécia – Ah, naturalmente. O mesmo que Oddone passava pelo intelecto. Jamais Oddone havia sentado com uma mulher perguntando o que lhe acontecia. Nem lhe interessava sentar com uma mulher, por sorte havíamos outras. Ela escrevia e eu não escrevia, entende. Mas eu... a ver, eu escrevia quando se refere a fazer um texto coerente do princípio ao fim que termine sendo um livro.(OLLER, 2007)

Lucrécia de certa forma está buscando em sua narrativa mostrar como Oddone se apegava demais ao intelectual, como a prática é importante e de certa forma o periódico *Persona* era isso, muito intelectual e não estava preocupado com a realidade das “mulheres em geral” as realmente oprimidas, que não eram nem intelectualizadas e nem de classe média. É interessante Lucrécia citar a escrita de um livro, mesmo não falando do livro de Oddone. Esta última escreveu um livro biográfico (ODDONE, 2001) narrando sua trajetória pelo feminismo que teve uma grande repercussão quando lançado entre as feministas da época de Oddone.

Podemos ter um pouco mais da ideia do que era o periódico e como ele era escrito, impresso e divulgado na fala de Leonor Calvera que participou do *Movimiento de Liberacion Feminista – MLF* que publicava o periódico, e neste trecho da entrevista narra também a sua saída do grupo

Persona é Maria Elena Oddone, com quem tínhamos o outro único grupo que era feminista. Tinha uma boa linha feminista, era de direita, mas tinha uma boa linha feminista, e os dois primeiros editoriais de *Persona*, eu os escrevi e os entreguei a Maria Elena, que nesse momento não sabia escrever,

depois aprendeu, era professora. Tinha uma boa linha, depois começou uma coisa que eu creio que há muito no feminismo; como dizer... Eu voltei a me encontrar com gente que fazia feminismo há relativamente pouco tempo. Quatro ou cinco anos atrás, em uma jornada no Museu Roca. Primeiro, as pessoas que trabalham com gênero aqui, me odeiam e me desconhecem. Eu não existo, nunca existi, sou invisível, e eu o disse uma vez publicamente, numa mesa redonda, que eu sinto que estou como morta para as argentinas. Segundo, me dei conta que essa espécie de coisa lírica, onde alguém colocava trabalho, esforço... desapareceu por completo e se converteu em como conseguir dinheiro e como utilizar o feminismo como meio para ascender socialmente. Então, o que eu vejo que se faz a partir do Instituto de Gênero daqui, que não são capazes... Porque o feminismo militante, o feminismo como o entendo, é uma ida e volta, do papel à realidade. Muda a realidade, ao mudar, se tem que repensar a realidade, e se tem que repensá-la teoricamente, e a partir do pensamento teórico, buscar a realidade é como uma espécie de ida e volta de lançadeira. O que fazem a partir da década de 90 é seguir dizendo o mesmo, o mesmo, o mesmo. (CALVERA,2007)

Sobre a fala de Leonor Calvera, é importante ressaltarmos que ela rompeu com o MLF para formar outro grupo, a *Unión Feminista Argentina*. Percebemos também um grande ressentimento em “não ser reconhecida” como feminista histórica na Argentina. Sobre o periódico temos apenas algumas pinceladas, mas podemos ver como ele foi descreditado por não se preocupar com essa “realidade” ele deveria ter “saído do papel” como diz Leonor, parece que para ela o *Persona* representava um feminismo de direita e em tempos de ditadura o que deveria ter visibilidade era a esquerda. Os feminismos latino-americanos são extremamente marcados pelo seu diálogo constante com a esquerda política sobretudo pela conjuntura ditatorial delineada. Era difícil nesta conjuntura, e posteriormente a ela com a volta a democracia que fosse dado crédito a um jornal feminista que faria uma linha “de direita”.

Outra entrevista, realizada com Sara Torres, destaca María Elena Oddone como figura emblemática do *Persona*, uma mulher que se colocava no ponto mais alto da hierarquia de seu grupo. Sara Torres narra porque a *Unión Feminista Argentina* (UFA) rompeu com o *Movimiento de Liberación Feminista*, de Oddone:

Em 1975 também tivemos uma ruptura muito grande com outro grupo feminista, com o de María Elena Oddone, o grupo MLF – Movimento de Liberação Feminista, porque ela tinha tido esse problema, que tinha a revista *Persona*, que lhe tomavam o local, mas não sabíamos se lhe tomaram por razões políticas ou por não ter pago o aluguel. Isso ficou sempre no ar. Era mulher de um militar e ela se considerava a presidente do movimento, e lhe explicávamos todo o tempo que não podíamos nos unir, porque se ela presidia um movimento, um movimento horizontal e de pares não podia ter uma presidente. Isso ela nunca entendeu. Escreveu um ou dois livros,

falando mal de todas as feministas, porque não reconheciam que era ela que... Era muito audaz, fazia coisas interessantes, depois decidimos trabalhar com ela em campanhas, em campanhas contra a violência, em que nos uníamos para algum fato pontual, uma frente, algo para trabalhar em conjunto por um tempo. Ela via um meio e se lançava, ela sozinha, se esquecia de que formava parte de um grupo (TORRES, 2007).

Esta fala diz mais sobre Maria Elena do que sobre o periódico. Mesmo quando perguntadas pela entrevistadora diretamente acerca dele a resposta acaba por enveredar pela relação com o grupo que o publicava e sua figura mais significativa, Oddone. A memória tem a sua própria significação sobre o passado, um fato do presente como a publicação do livro de Oddone interfere nestes relatos de forma fundamental, talvez se tivéssemos realizado as entrevistas anteriormente obteríamos outras respostas sobre o periódico *Persona*. O livro publicado funciona como o que Elisabeth Jelin chama de um nó convocante (JELIN, 2002) no entanto a convocatória deste ocorre por parte da entrevistada, quando na verdade a entrevistadora buscava uma outra resposta.

Os relatos apresentados não nos permitem perceber claramente como era lembrado por essas mulheres ,que muitas vezes participaram da publicação de *Persona*,_como era esse processo. A única coisa diretamente relacionada ao período ditatorial é o fato da sede onde o jornal era publicado ter sido tomada/perdida ainda no período. Os relatos não nos permitem maiores esclarecimentos sobre o fato neste sentido a biografia de Maria Elena pode nos dar pistas, mas este é um assunto para outro texto.

Algumas considerações

Trabalhar com relatos de história oral, entrevistas, é sempre um desafio. Desafio que começa por perguntar e não obter resposta, respeitar o momento da entrevista e aprender a compreender que a subjetividade e a coerência são sempre buscadas a partir de um presente. Neste trabalho fica clara a contribuição da história oral para singularidade da história, cada mulher que entrevistamos possui seu ponto de vista específico sobre os periódicos. Falar mais sobre dado assunto implica em lhe atribuir valor em sua história de vida e também a repensá-lo a partir do presente e seu momento político atual. Maria Amélia reforça a importância que teve o *Brasil Mulher* em sua trajetória e como foi ali que se tornou de fato uma feminista. Já

as entrevistadas Argentinas mesmo que fizessem parte do periódico não lhe atribuem uma grande valoração. A importância está em outros espaços: nos movimentos de rua, nas lutas contra a violência e não na publicação de um periódico feminista. As fontes orais nos permitem esta clareza de perceber como as subjetividades interferem nos usos e na nossa compreensão de um passado, no caso deste texto um passado que envolve o movimento feminista e suas publicações.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005

CALVERA, Leonor. Entrevista concedida a Ana Maria Veiga (digital). Buenos Aires, Argentina, 01.03.2007. Transcrita por Ana Maria Veiga e revisada por Luana Lopes. Acervo do LEGH/UFSC.

COGGIOLA, Osvaldo. Governos militares na América Latina: a era das ditaduras no Chile, Argentina e Brasil: luta armada e repressão. São Paulo: Contexto, 2001

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: ____ O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992. p. 158.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 11, n. 1, June 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2003000100014&lng=en&nrm=iso.

JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madrid: Siglo XXI, Social Science Research Council, 2002.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: História e Memória. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 535-553.

MARQUES, Gabriela Miranda. Mulheres, feminismos e igreja católica no Cone Sul :

algumas relações (1970-1988). 202 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

ODDONE, María Elena. *La pasión por la Libertad – memorias de una feminista*. Buenos Aires: Ediciones Colihue Mimbipa, 2001.

OLLER, Lucrecia. Entrevista concedida a Ana Maria Veiga (digital). Buenos Aires, Argentina, 03.03.2007. Transcrita por Gabriela Miranda Marques. Acervo do LEGH/UFSC.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, n.52, vol. 26, 2006. p. 249-272.

PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24, p.77-98.

Persona. Ano 1, n 3, dez 1974, p . 10.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro no dia 24/08/05, em São Paulo, transcrita por Soraia Melo, Veridiana Bertelli de Oliveira e Maria Cristina Athayde

TORRES, Sara. Entrevista concedida a Ana Maria Veiga (digital). Buenos Aires, Argentina, 01.03.2007. Transcrita por Ana Maria Veiga. Acervo do LEGH/UFSC.

Trebisacce, Catalina. Incursiones sobre la agenda de militancia del feminismo de la segunda ola en la Argentina a través de la publicación *Persona* (1974-1975). IN: Anais das II Jornadas CINIG de estudios de Genero e feminismos. Argentina, La Plata. Digital, 2011.